

Bertolaso — e entre eles via tantos cujos títulos nem conseguia entender — não escondia uma pontinha de inveja face a esse homem que conseguiu aprender tanta coisa, especialmente línguas, muitas que o comum dos mortais nem supõe tenham existido... E o extraordinário é que continuou produzindo até quase o fim de seus dias, pois vários dos livros mencionados datam de poucos anos. E ainda anunciava “prontos para o prelo” uma gramática sânscrita, um estudo sobre as heresias, outro sobre a filosofia do *Bhagavad-Gita* e, ainda outro, sobre Euclides da Cunha. Do autor de *Os Sertões* já havia tratado ligeiramente em seu livro *Estudos Vários*, que reúne, como o título o diz, diversas monografias que vão desde a gíria do Novo Testamento até Gustavo Teixeira, o suave poeta de São Pedro, passando pelo Doutor Lund, por Antônio Conselheiro e pela origem da fábula.

Sua bibliografia indica que, após os estudos gerais de Glotologia, passou Bertolaso a interessar-se pelas religiões da Índia, promovendo a primeira tradução em língua portuguesa do *Bhagavad-Gita* (parte da grande epopéia que é o *Mahabharata*), poema filosófico-religioso denominado o “Evangelho da Índia”, texto fundamental por excelência do hinduísmo, que Bertolaso traduziu diretamente do sânscrito.

Mais tempo houvesse e, mais ainda, poderia discorrer sobre a pessoa e a obra de Jorge Bertolaso Stella. Mas creio que o registrado basta. Meus preclaros confrades: Quando se encontra no Brasil, um homem que até os seus quinze anos era analfabeto, humilde trabalhador de enxada numa fazenda de café, e à custa de esforços próprios realiza a obra imensa que produziu, aprende praticamente todas as línguas, vivas e mortas, traduz diretamente do sânscrito seus textos sagrados mais importantes, perlustra os assuntos que sua bibliografia indica, torna-se, pela sua obra, sócio das mais renomadas entidades culturais do mundo e tem o seu nome respeitado pelos maiores especialistas da atualidade, e tudo isso dentro da maior modéstia, diria até da maior humildade possível, Senhores, é de fazer um minuto de silêncio! Não aquele silêncio convencional que se faz quando morre alguém, todos de pé, de olho no relógio para que os ponteiros caminhem depressa (e, às vezes, como custa!), mas aquele silêncio que o respeito exige, ante um homem de sua estatura moral e cultural.

*

A HISTÓRIA AMEAÇADA

Dulce C. A. Whitaker
(Araraquara, SP)

Travou-se recentemente (novembro de 1980), através da “Folha”, uma esclarecedora polêmica em torno da existência ou não da

ameaça de substituição de cursos de História e Geografia por uma licenciatura plena de Estudos Sociais. A rápida mobilização de professores ligados às várias Ciências Humanas terá esvaziado ou, pelo menos, retardado a concretização do projeto em pauta.

É preciso refletir sobre as causas da vulnerabilidade das Ciências Humanas, notadamente a História, quando se apresenta esse tipo de ameaça.

Tal ameaça não é nova. Ela vem-se concretizando, vagarosamente, durante a última década, à medida em que a disciplina Estudos Sociais vai-se introduzindo e substituindo História e Geografia nos currículos de 1º grau.

A disciplina (Estudos Sociais) em si nada teria de negativo se tivesse sido implantada com uma concepção dinâmica de currículo, que possibilitasse a participação e, até mesmo a presença simultânea, em sala de aula, dos professores de História, Geografia, Filosofia e Ciências Sociais, o que facilitaria aos estudantes integrar conteúdos de diferentes campos das Ciências Humanas.

O que torna a disciplina Estudos Sociais altamente indesejável, além das intenções políticas que determinaram sua implantação, é o fato de, a partir dela, ter sido engendrado um tipo de professor improvisado (ele mesmo uma vítima do processo) que, pela sua formação inadequada, não pode dar conta de todo o vasto e complexo conteúdo científico que implica a cada disciplina que se pretende substituir.

No que se refere especificamente à História, é preciso lembrar ainda que o problema vai além da gravíssima constatação apontada acima, a qual só virá agravar uma situação que lhe é anterior. A desvalorização da História, a partir dos anos 60, quando os arautos do progresso material anunciaram o ideal de uma sociedade industrial e tecnocrata, foi muito fácil de conseguir, porque já nos constituíamos um povo desmemoriado.

Fatores ideológicos complexos contribuíram para que o ensino de História na escola brasileira tenha-se baseado, sempre, ora na descrição e narração dos rituais políticos que mascaravam os gravíssimos problemas estruturais, ora na ênfase ao anedotário da vida particular dos protagonistas das classes dominantes. Basta lembrar aqui como a violência pouco aparece na historiografia oferecida aos nossos estudantes de 1º e 2º graus. O mito de uma evolução pacífica e sem contradições obscurece a História verdadeira, aquela que incansáveis pesquisas dos historiadores têm revelado cheia de lutas sociais, muitas esmagadas sem piedade. Torna-se sem interesse, dessa forma, aquela que deveria ser a disciplina mais fascinante do currículo, ensinada que é, muitas vezes, de maneira ritualística.

Professores sobrecarregados e mal pagos, por mais empenho que façam, não conseguem ampliar o esquematismo vazio de conteúdo dos

coloridos livros didáticos que a ideologia oficial permite chegar às crianças e adolescentes (quando é possível a estes comprarem livros). Lições do tipo “perguntas e respostas” fragmentam então um tipo de conhecimento que só tem sentido quando apreendido em forma de processo.

A conseqüência mais grave desse quadro é a idéia, muito difundida, de que a História é matéria “fácil” e “decorativa”, em comparação com outras consideradas “difíceis” porque implicam raciocínio, como se a História não o exigisse. Não se percebe que a compreensão do processo histórico envolve raciocínio a partir de categorias teóricas e a níveis de abstração assaz profundos como os de todas as outras ciências. Por isso, a História não pode ser decorativa, como aliás nenhuma disciplina pode sê-lo, porque só se aprende aquilo sobre o que se raciocina: Não existe matéria decorativa. O que existe é o aluno que decora, e tendo adquirido esse hábito errado de estudar, pode usá-lo até em relação a problemas de Física ou Matemática, supostamente disciplinas “nobres” porque exigem raciocínio, como se raciocínio fosse atributo das “coisas” e não do “ser humano”.

A desvalorização da História não se dá somente a nível de 1º e 2º graus. Reflete-se em outros setores. Por exemplo, qual o peso da História nos vestibulares? Darei um só exemplo: o vestibular da Universidade de São Paulo, realizado pela Fuvest, no qual a História tem peso 25, contra 100 de Física nas carreiras ligadas à área de Ciências Biológicas. Evidentemente isso se explica pela maior importância de determinadas disciplinas para determinadas carreiras (o que, aliás, daria uma boa polêmica). No entanto, na área de Humanas, onde a História é a disciplina mais importante, ela nunca tem o peso 100. Alcança apenas 75.

Sobre a desvalorização da História nos vestibulares, voltarei em outro artigo. Por ora, é preciso enfatizar que, se chegou a hora e a vez de defender a História, urge lutar não só contra a implantação de Estudos Sociais, mas também contra a ideologia desvalorizadora da História, que só interessou à formação de uma sociedade dominada pelo consumismo e pela adoração das máquinas, a qual, quanto menos souber a respeito do passado, mais facilmente será manipulada através da exaltação da técnica e do desprezo pelo humanismo.

(De “Folha de São Paulo”, 23/11/1980.)

*

“A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS”: UM LIVRO EXEMPLAR

José Honório Rodrigues
(Rio de Janeiro, RJ)

Possuímos no Brasil uma historiografia estadual de muito boa qualidade exemplificada nas obras de João Francisco Lisboa (Maranhão),